

Comunicado de impresa - RDH 2015 - África Subsariana

Uma maior inclusão das mulheres e dos jovens no mundo do trabalho fomenta o desenvolvimento humano na África Subsariana

A redução das desigualdades e a criação de trabalho são fundamentais para o desenvolvimento humano na região, afirma o Relatório do Desenvolvimento Humano 2015.

Adis Abeba, Etiópia, 14 de dezembro de 2015 — O desenvolvimento humano conheceu avanços significativos na África Subsariana. Urge, para reforçar este progresso, fazer face às grandes desigualdades e disparidades no plano das oportunidades, nomeadamente no trabalho. Esta é uma mensagem fundamental do Relatório do Desenvolvimento Humano 2015, lançado hoje na Etiópia, pelo Primeiro-Ministro da República Federal Democrática da Etiópia, Hailemariam Dessalegn, pela Administradora do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), Helen Clark e pelo Diretor do Gabinete do Relatório de Desenvolvimento Humano, Selim Jahan.

O Relatório, “O Trabalho como Motor do Desenvolvimento Humano”, promove a sustentabilidade e o trabalho justo e digno para todos, incentivando os governos a considerar o trabalho para além do emprego, como por exemplo, a prestação de cuidados não remunerada, o trabalho voluntário e criativo e outros. Só com uma visão mais ampla é possível colher verdadeiramente os benefícios do trabalho em proveito do desenvolvimento humano, afirma o relatório.

Desde 2000, a África Subsariana registou, entre todas as regiões, o ritmo mais acelerado de crescimento anual do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - crescendo a uma taxa anual de 1,7 por cento entre 2000 e 2010 e de 0,9 por cento entre 2010 e 2014. Doze países da região, incluindo o Botsuana, Cabo Verde, Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Gana, Maurícia, Namíbia, São Tomé e Príncipe, Seicheles e Zâmbia, apresentam níveis que os situam, individualmente, nos grupos de desenvolvimento humano elevado ou médio. Contudo, a África Subsariana, em média, continua a figurar na categoria de desenvolvimento humano baixo, e os IDH mantêm-se ainda baixos: a escassez de boas oportunidades de trabalho impede muitos de alcançar o seu pleno potencial e dispor de meios de subsistência dignos.

CONTACTOS PARA OS MEDIA

Sede do PNUD
Anna Ortubia
anna.ortubia@undp.org
+1 212 906 5964

Dylan Lowthian
dylan.lowthian@undp.org
+1 212 906 5516

Centro Regional de Serviços para a África do PNUD
Sandra Macharia
+251 929 907 934
sandra.macharia@undp.org

PNUD Etiópia
Martha Mogus
+251 11 5 44 43 18
martha.mogus@undp.org
communication.et@undp.org

Para outros Serviços do PNUD, queira por favor aceder a:
<http://hdr.undp.org/en/2015-report/media>

A taxa de emprego global oficial da região é de 66 por cento, porém 74 por cento das mulheres e 61 por cento dos homens que trabalham na África Subsaariana integram o mercado de trabalho informal, sendo que quase 25 por cento das crianças com idades compreendidas entre os 5 e 14 anos são vítimas de trabalho infantil. Os indivíduos com emprego vulnerável e inseridos numa economia informal não têm, frequentemente, condições de trabalho dignas e auferem de rendimentos mais baixos comparativamente a outros trabalhadores, salienta o Relatório.

“O continente africano regista níveis mais elevados de bem-estar e de crescimento económico. Presentemente, os governos devem concentrar-se na melhoria das condições de trabalho a fim de elevar os níveis de vida e de subsistência, apoiando a criação de empregos por forma a garantir o sustento das pessoas e das comunidades e proporcionando as condições prévias necessárias a uma maior participação das mulheres e dos jovens no mundo do trabalho” afirma Abdoulaye Mar Dieye, Administrador adjunto e Diretor do Gabinete Regional do PNUD para África.”

A crescente desigualdade no trabalho ameaça o progresso do desenvolvimento humano

A criação de trabalho e a expansão de opções na região são cruciais no combate às desigualdades, de acordo com o Relatório de 2015.

Na África Subsariana, 500 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza multidimensional – a saber, três em cada cinco na região. Além disso, como registado pelo IDH Ajustado à Desigualdade, a distribuição dos progressos em matéria de desenvolvimento humano, especialmente na saúde e educação, é feita com maior desigualdade na África Subsariana do que em qualquer outra região do mundo. Esta região de África confronta-se com um elevado número de jovens em razão do crescimento demográfico, pelo que a resposta ao problema dos baixos índices de alfabetização e o desenvolvimento de competências podem ajudar os jovens a conseguir oportunidades de trabalho.

“O ritmo acelerado dos progressos tecnológicos e a intensificação da globalização têm vindo alterar o significado do trabalho hoje em dia e a forma como é desenvolvido” afirma Selim Jahan, autor principal do Relatório. *“Num mundo em mudança, o reforço do desenvolvimento humano por via do trabalho exige intervenção política. A menos que sejam tomadas medidas, muitas pessoas, especialmente as que já vivem em situação de marginalização, podem ficar para trás.”*

A África Subsariana tem sido particularmente inovadora no aproveitamento das tecnologias modernas para as atividades financeiras. De acordo com o Relatório, é provável que as atividades económicas com recurso à internet e ao telemóvel continuem em expansão. Contudo, a região está longe de atingir um acesso equitativo a essas tecnologias: atualmente, apenas um quinto da população subsariana tem acesso à internet. Um maior acesso poderá contribuir para criar novas oportunidades em benefício dos jovens da região.

Segundo o Relatório, os setores agrícola e dos serviços são os que proporcionarão, num futuro próximo, maior número de empregos na região. A expansão de redes de segurança social, o investimento em professores e profissionais de saúde, a preparação dos jovens para um mercado de trabalho altamente qualificado e o apoio a oportunidades de negociação coletiva, bem como o subsídio de desemprego e os salários mínimos são fundamentais para a proteção dos trabalhadores e aumento das suas oportunidades.

Corrigir os desequilíbrios de género no trabalho remunerado e não remunerado

De acordo com o Índice de Desigualdade de Género, as mulheres na África Subsariana são gravemente desfavorecidas.

Registaram-se progressos na representação política das mulheres na região - detêm mais de 22 por cento dos assentos nos parlamentos nacionais, a segunda percentagem mais elevada entre as regiões em desenvolvimento. No entanto, as mulheres enfrentam ainda desigualdades gritantes no acesso à saúde e no nível de escolaridade.

As mulheres gozam igualmente de menos oportunidades de trabalho remunerado - a sua taxa de participação na força de trabalho é menor do que a dos homens (65,4 por cento contra 76,6 por cento) - e, em média, ganham 21 por cento menos do que estes. Em contrapartida, recai sobre as mulheres da região a maior parte do trabalho não remunerado, sendo normalmente responsáveis por mais de três quartos do tempo que o seu agregado familiar dedica à prestação de cuidados não remunerados.

O Relatório exorta ao desenvolvimento de esforços no sentido de melhorar a vida das mulheres, garantindo igual remuneração, combatendo o assédio e as normas sociais que excluem um número tão elevado de mulheres do trabalho remunerado. Só assim a carga do trabalho não remunerado pode ser partilhada por forma a ajudar as mulheres a integrar a força de trabalho, propõe o Relatório.

Na África Subsariana, uma maior prestação de cuidados e de serviços básicos, como por exemplo, o abastecimento de água melhorada reduziria o tempo dedicados às obrigações domésticas. De acordo com o relatório, os investimentos em serviços de saúde reprodutiva para as mulheres são fundamentais para determinar escolhas informadas.

Definir a nova agenda de trabalho

As respostas políticas ao novo mundo do trabalho serão diferentes de país para país, mas há três grupos principais de políticas que são fundamentais para os governos e as sociedades poderem maximizar os benefícios e minimizar as dificuldades no novo mundo do trabalho em evolução. São necessárias estratégias para criar oportunidades de trabalho e assegurar o bem-estar dos trabalhadores. O relatório propõe, pois, uma agenda de ação com três vertentes:

- Um Novo Contrato Social entre governos, a sociedade e o setor privado, a fim de assegurar que todos os membros da sociedade, especialmente os que trabalham fora do setor formal, tenham as suas necessidades levadas em conta na formulação de políticas.
- Um Acordo Global entre governos para garantir os direitos e benefícios dos trabalhadores em todo o mundo.
- Uma Agenda para o Trabalho Digno que abranja todos os trabalhadores e contribua para promover a liberdade de associação, a igualdade, a segurança e a dignidade humana na vida profissional.

NOTAS AOS EDITORES

***SOBRE ESTE RELATÓRIO:** O Relatório do Desenvolvimento Humano é, do ponto de vista editorial, uma publicação independente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Para descarregar gratuitamente o Relatório do Desenvolvimento Humano 2015, bem como materiais de referência adicionais sobre os índices do relatório e implicações regionais específicas, visite por favor o seguinte endereço:
<http://hdr.undp.org>*

Relatório do Desenvolvimento Humano 2015 <http://hdr.undp.org/en/2015-report>

Documentação completa disponível em todas as línguas oficiais da ONU

<http://hdr.undp.org/en/2015-report/press>

O PNUD estabelece parcerias com pessoas a todos os níveis da sociedade, a fim de ajudar a construir nações capazes de resistir a crises e impulsionar e sustentar o tipo de crescimento que melhora a qualidade de vida para todos. No terreno em mais de 170 países e territórios, oferecemos uma perspetiva global e uma visão local para ajudar a capacitar as pessoas e construir nações resilientes.